

AQUILOMBAMENTO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS ANCESTRAIS DAS REZADEIRAS DE MARACÁS.

SCHOOL AQUILOMBING AS AN INSTRUMENT FOR VALORIZING THE ANCESTRAL PRACTICES OF MARACÁS PRAYERS.

Dr. Silvano da Conceição¹
Me. Fabrício Diego Santos Gomes²

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de discutir sobre a prática de Quilombismo na escola, a partir das proposições de Abdias Nascimento (1980) e Beatriz Nascimento (1985). Trata-se de um estudo sobre as ações empreendidas numa escola estadual localizada no Território de Identidade denominado Vale do Jiquiriçá que, em diálogo com a lei 10.639/03, atuou com a proposta de um projeto escolar com os estudantes da rede pública estadual do ensino médio para investigação e conhecimento sobre os saberes ancestrais das mulheres rezadeiras da cidade de Maracás, destacando os conhecimentos em torno das práticas de cura a partir das ervas medicinais. Desse modo, este artigo visa apreender as estratégias e resultados obtidos com a execução desse projeto em sala de aula e como ele está alinhado com as perspectivas de uma educação decolonial.

ABSTRACT

This article intends to discuss the practice of Quilombism at school, based on the propositions of Abdias Nascimento (1980) and Beatriz Nascimento (1985). This is a study on the actions undertaken in a state school located in the Identity Territory called Vale do Jiquiriçá which, in dialogue with law 10.639/03, worked with the proposal of a school project with students from the state public education network medium for research and knowledge about the ancestral knowledge of women who pray in the city of Maracás, highlighting the knowledge surrounding healing practices based on medicinal herbs. Therefore, this article aims to understand the strategies and results obtained from carrying out this project in the classroom and how it is aligned with the perspectives of a decolonial education.

Palavras-chave: Pedagogia Decolonial. Educação antirracista. Quilombismo.

¹ Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) e do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen), ambos vinculados à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: sconceicao@uesc.br

² Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado da Bahia lecionando a disciplina de História e História dos meus ancestrais para os estudantes do Ensino Médio no Colégio Estadual Edivaldo Boaventura em Maracás/Ba. E-mail: fabricao.gomes18@nova.educacao.ba.gov.br

1. INTRODUÇÃO

O Colégio Estadual Edivaldo Boaventura está localizado no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá em Macarás/Ba. Essa cidade é conhecida por abrigar a nascente do Rio Jiquiriçá e o seu nome faz referência aos indígenas Maraká que segundo Nascimento; Machado; Nascimento (2021) foram os povos originários dessa terra e empreenderam no período colonial forte resistência contra as investidas dos colonizadores que chegaram a essa terra ainda no século XVII (Nascimento; Machado; Nascimento, 2021). Além de colonos europeus e indígenas, esse território recebeu a presença de africanos durante todo o período colonial para trabalhar nas lavouras de café e nas fazendas de gado, além de receber também imigrantes italianos e alemães na segunda metade do século XX.

A escola em questão atende estudantes da zona urbana e rural de Maracás somando um total de 425 estudantes. Embora a instituição não esteja classificada como quilombola, ela atende diversas comunidades que segundo o site da Prefeitura³ são comunidades com características socioculturais e históricas de comunidades quilombolas, são elas: Cuscuz, Caldeirão dos Mirandas, Boqueirão e Jacaré, a maioria delas estão localizadas na zona rural de Maracás com exceção da Comunidade do Cuscuz que está estabelecida na zona urbana da cidade. Desse modo, atendendo as diretrizes da CONAE (2010) que inclui no Plano Nacional de Educação a valorização das práticas culturais das comunidades quilombolas, a instituição Colégio Estadual Edivaldo Boaventura, ainda que não seja classificada como quilombola, atende as comunidades que estão lutando por certificação e poderá incluir no seu Plano de ensino propostas que visem a atender as demandas sociais e culturais das comunidades quilombolas e rurais da cidade de Maracás.

Tendo em vista que essas comunidades em sua maioria são compostas por uma população majoritariamente negra e também preservam traços físicos indígenas; constata-se a presença de saberes preservados dos seus antepassados africanos como indígenas. Dessa forma, o projeto⁴ em questão atendeu simultaneamente a Lei 10639/03 que tornou obrigatório o ensino de história da cultura afro-brasileira e africana e a Lei 11645/08 que torna obrigatório o ensino de história e cultura indígena. Portanto, visando atender as

³ PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACÁS. Cultura. Disponível em <https://www.maracas.ba.gov.br/site/dadosmunicipais>. Acesso em 30/10/2023.

⁴ O referido projeto “conhecendo as ervas medicinais através dos saberes ancestrais das rezadeiras de Maracás” foi desenvolvido com os estudantes do segundo ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Edivaldo Boaventura em Maracás-Ba, entre julho e agosto de 2024.

determinações legais e instrumentalizar os estudantes acerca dos conhecimentos que envolvem a cultura de povos que foram historicamente marginalizados e estigmatizados e ainda sofrem com a discriminação da sociedade hegemônica, o projeto teve por objetivo abarcar os conhecimentos das rezadeiras, fazendo com que os estudantes conheçam as suas histórias, compreendam os seus valores e possam, a partir dessa análise, desconstruir estereótipos e preconceitos, frutos de uma educação colonizadora que atende aos valores da sociedade hegemônica e cristã.

O projeto adotado pelo professor da disciplina “História dos meus ancestrais” do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura, visa o quilombamento da escola a partir da proposta teórica sócio histórica de Abdias Nascimento (1980) que aponta como Quilombismo todas as práticas de resistência do povo negro em defesa da sua cultura, dos seus saberes ancestrais, da sua religiosidade, das suas epistemologias. Todas as formas de associação e estratégias adotadas pelo povo negro em defesa da sua ancestralidade africana, objetivando a perpetuação do legado africano, ali está uma prática de Quilombismo. Na mesma direção Beatriz Nascimento (1985) informa que o termo quilombo é oriundo do povo Banto-Angola, é uma terminologia polissêmica, mas que no Brasil foi originalmente utilizado em referência as associações de negros africanos e seus descendentes em resistência a instituição da escravidão ainda no período colonial. Porém, com a abolição da escravatura, essa instituição não fora extinta, ela se mantém como continuidade da resistência em forma de comunidades que vão preservar os valores ancestrais, a organização socioeconômica, formas de conhecimento, cosmogonias e suas manifestações culturais tradicionais.

A partir da ideia de quilombo e sua ressignificação, compreendemos que as práticas culturais ancestrais que envolvem o conhecimento sobre as ervas medicinais, mantidas pelas mulheres rezadeiras de Maracás, compreendem um dos aspectos da cultura ancestral do quilombo.

2. Articulação do Projeto aos princípios da Pedagogia Decolonial e a interculturalidade crítica

No Brasil tem se intensificado nos últimos anos estudos que buscam a promoção de uma educação culturalmente referenciada na busca pelo resgate dos saberes historicamente estigmatizados e marginalizados pela colonialidade (Oliveira; Candau, 2010). A pedagogia decolonial surge como uma resposta crítica às formas de colonização do saber que

privilegiaram conhecimentos eurocêntricos, relegando os saberes tradicionais e ancestrais, sobretudo os oriundos de povos colonizados, a uma posição marginal. Essa abordagem visa valorizar epistemologias e práticas culturais que foram historicamente silenciadas ou subjugadas pelo colonialismo. Nesse contexto, a pedagogia decolonial não apenas busca reconhecer a legitimidade desses saberes, mas também propõe uma educação intercultural crítica, produzindo um espaço educacional frutífero para que as diferentes formas de conhecimento possam dialogar (Oliveira; Candau, 2010).

A interculturalidade crítica, um conceito que dialoga com a pedagogia decolonial, propõe que as diferentes culturas e saberes sejam reconhecidos e integrados ao processo educativo de forma ativa e não apenas como objetos de estudo distantes. Ela critica a simples adição de conteúdos sobre culturas não-hegemônicas no currículo sem uma reflexão crítica sobre as relações de poder subjacentes a essa inclusão. A educação intercultural crítica visa uma verdadeira transformação no modo como o conhecimento é produzido e transmitido, respeitando as particularidades culturais e o conhecimento local, enquanto desafia a hegemonia epistêmica do modelo eurocêntrico. (Oliveira; Candau, 2010)

Dessa forma a pedagogia decolonial apresenta equivalência de proposições com a tendência pedagógica Progressista presente na obra *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987) e com a proposta da Pedagogia Emergente abordada por Nilma Gomes (2017) ambas se aproximam da concepção de educação como humanização, a tarefa pedagógica deverá servir para a humanização dos indivíduos e ao reconhecer a necessidade de uma ação voltada para a humanização, o autor reconhece a existência da desumanização dos indivíduos. Nesse sentido, as ideias de Boaventura de Souza Santos, resgatadas por Nilma Gomes (2017), trazem o papel pedagógico como uma ação propositiva para a emergência daqueles que estão imersos, invisibilizados no seio da sociedade hegemônica e que, portanto, não são representados pelas tendências pedagógicas homogeneizadoras sob a perspectiva do dominador.

Dessa forma, compreendemos que a efetivação de projetos no cotidiano escolar que atuam para a valorização da cultura de matriz africana e indígena presente nas regiões rurais de Maracás, principalmente aquelas que atendem uma população quilombola mesmo que ainda não certificadas, configura uma prática alinhada ao princípio da teoria histórico social proposta por Abdias Nascimento (1980) denominada Quilombismo presente no seguinte trecho da sua obra:

Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade; dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os "ilegais" foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo. (Nascimento, 1980, p.209).

O conceito de Quilombismo, articulado por Abdias Nascimento (1980), destaca a capacidade de resistência e organização da comunidade negra por meio de formas associativas que, embora apresentem diversas aparências, desempenharam um papel crucial na preservação da cultura e na continuidade africana. Dessa forma, a ideia de quilombamento escolar proposta neste artigo visa estabelecer a escola como um centro de fortalecimento da cultura ancestral africana. Ao implementar práticas pedagógicas decoloniais, a escola não apenas confirma a importância dos saberes tradicionais, mas também desafia o racismo estrutural e as formas de invisibilização cultural que historicamente excluíram esses conhecimentos dos espaços institucionais. Os projetos que conectam os estudantes com os saberes quilombolas, como as práticas das rezadeiras e o uso das ervas medicinais, não apenas promovem o reconhecimento da diversidade epistêmica presente no Brasil, mas também reafirmam a importância de uma educação que se compromete com a continuidade e resistência das culturas

Desse modo, o projeto proposto para os estudantes do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura em Maracás/Ba na disciplina de “História dos meus ancestrais” sobre o mapeamento dos saberes ancestrais das mulheres rezadeiras de Maracás, Bahia, relacionado as plantas medicinais, insere-se dentro da perspectiva de uma educação decolonial e antirracista na medida em que ela irá valorizar os saberes e trazer as epistemologias africanas e indígenas que estão sintetizados nos saberes sobre essas ervas e que a partir desse projeto possibilitou a sua apreensão e reflexão no espaço escolar. Ao documentar e valorizar os conhecimentos tradicionais das rezadeiras, o projeto não apenas reconheceu a legitimidade desses saberes, mas também promoveu uma articulação entre o saber local e o conhecimento científico, superando a divisão colonial entre “conhecimento científico” e “saber popular”.

2.1 Confluências entre a Pedagogia Decolonial e as Políticas Públicas Brasileiras

O projeto estabelece um diálogo direto com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana regulamentadas na Lei 10639/03, alinhando-se também com os princípios da Pedagogia Decolonial e da interculturalidade crítica (Oliveira; Candau, 2010). Essa abordagem vai além de simplesmente acrescentar conteúdos sobre povos africanos e afro-brasileiros ao currículo educacional brasileiro. Ela propõe a integração ativa e reflexiva dos saberes e práticas dessas culturas, reconhecendo sua centralidade na formação da identidade brasileira e questionando as relações de poder que historicamente marginalizaram esses conhecimentos.

A interculturalidade crítica exige uma educação que não só combata o racismo estrutural, mas também promova um espaço onde as diversas culturas dialoguem em igualdade de condições. Isso implica desconstruir hierarquias entre saberes hegemônicos e não-hegemônicos, desafiando a tradicional invisibilização e subordinação dos conhecimentos afro-brasileiros e africanos. Ao incorporar esses saberes no currículo de maneira crítica, o projeto estimula a reflexão sobre as estruturas de poder e opressão que moldam as relações étnico-raciais no Brasil, promovendo um processo educativo que valorize genuinamente a pluralidade cultural e contribua para a formação de uma sociedade mais equitativa e consciente das suas múltiplas raízes.

A pedagogia decolonial, assim como o projeto, busca resgatar e promover uma visão plural do conhecimento, na qual os saberes ancestrais, como os das rezadeiras, são valorizados como fontes legítimas de conhecimento. Isso está alinhado com as políticas públicas que defendem uma educação mais inclusiva e que valorize a diversidade étnica e cultural do Brasil. Ao integrar saberes tradicionais com o conhecimento científico, o projeto reforça a necessidade de uma reestruturação curricular que não seja apenas multicultural, mas que também seja crítica às hierarquias de poder que historicamente relegaram esses saberes a uma posição inferior.

Apresentação do projeto “conhecendo as ervas medicinais através dos saberes ancestrais das rezadeiras de Maracás-Ba”

Introdução

O projeto de pesquisa proposto como instrumento pedagógico para estimular a pesquisa e o contato direto dos estudantes do ensino médio com as rezadeiras de Maracás

teve como objetivo documentar e valorizar os conhecimentos ancestrais das mulheres rezadeiras do município localizado no sudoeste baiano, sobre as plantas medicinais. Ao articular a pedagogia decolonial com a metodologia de investigação científica, este trabalho visa a preservação e promoção de saberes tradicionais, reconhecendo sua importância para a sustentabilidade e identidade cultural. Através de entrevistas, fotografias e pesquisas científicas, os alunos investigam as propriedades medicinais das ervas utilizadas por essas mulheres, promovendo um diálogo entre saberes tradicionais e científicos.

Objetivos

- Documentar e valorizar os saberes ancestrais das rezadeiras de Maracás, ressaltando sua importância para a cultura local e para a preservação de práticas sustentáveis.
- Identificar e catalogar as plantas medicinais usadas pelas rezadeiras, incluindo suas propriedades e denominações científicas, promovendo um diálogo entre o conhecimento tradicional e o científico.
- Promover a integração entre saberes tradicionais e científicos, respeitando e valorizando o conhecimento ancestral como uma forma válida de conhecimento.
- Sensibilizar os alunos para a preservação dos saberes tradicionais, reforçando a importância da interculturalidade e da valorização das práticas culturais afro-brasileiras.

Metodologia

A pesquisa seguiu o método da pesquisa qualitativa que dentre as várias características busca atingir os objetivos da pesquisa levando em consideração aspectos que envolvem as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão fazendo parte do processo da pesquisa (Flick, 2008). A metodologia empregada no projeto promove a interculturalidade crítica, um dos pilares da pedagogia decolonial, ao integrar saberes ancestrais com conhecimento científico. Os alunos, ao entrevistar as rezadeiras, estarão engajados em um processo de educação dialógica, onde o conhecimento não flui apenas do cientista para a comunidade, mas também da comunidade para o espaço escolar.

Entrevistas: Os alunos entrevistaram mulheres rezadeiras, documentando sua história, conhecimentos e práticas relacionadas às plantas medicinais. As entrevistas serviram não só para catalogar o uso das plantas, mas também para entender os desafios enfrentados na preservação desses saberes, o que permite uma reflexão crítica sobre a marginalização dessas práticas na sociedade atual.

Fotografias: As fotografias detalhadas das plantas mencionadas durante as entrevistas permitiram uma documentação visual dos saberes tradicionais, além de promover a socialização dos conhecimentos sobre as ervas medicinais com os demais estudantes a partir do contato visual e poder relacionar os conhecimentos apreendidos a partir das memórias das mulheres rezadeiras de Maracás e os conhecimentos científicos sobre as propriedades dessas plantas a partir do uso da ferramenta chamada Google Lens.

Pesquisa Científica: A pesquisa sobre as propriedades científicas das plantas usadas pelas rezadeiras complementará os saberes tradicionais, reforçando a ideia de que o conhecimento local não é menos válido do que o científico, mas, ao contrário, muitas vezes pode antecipar descobertas da ciência moderna.

Resultados alcançados

A aplicação do projeto nas turmas do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura em Maracás/Ba aconteceu no período entre julho e agosto de 2024. Durante o desenvolvimento das atividades os estudantes ficaram responsáveis por proceder com as entrevistas as rezadeiras da cidade sobre as ervas medicinais, enquanto na sala de aula, o professor da disciplina de “História dos meus Ancestrais” trabalhava os conceitos antropológicos acerca da ancestralidade, decolonialidade e interculturalidade crítica para que eles pudessem ser instrumentalizados teoricamente para compreender as noções sobre o epistemicídio, o racismo religioso, o racismo estrutural e a necessidade de combater as violências existentes na sociedade hegemônica contra aqueles/as que preservam os saberes ancestrais dos povos originários de Maracás e dos africanos que habitaram essa terra.

Nos resultados alcançados, os estudantes trouxeram:

- dados importantes sobre as histórias de vida dessas mulheres, sobre aspectos econômicos, sociais, religiosos e culturais.
- Informações subjetivas sobre a visão de mundo dessas mulheres e sua forma de conceber o sagrado.
- Informações sobre os processos de práticas de cura envolvendo as ervas medicinais.
- Percepção sobre um campo religioso híbrido, já que boa parte dessas mulheres participavam da religião católica e da Umbanda.
- Dados que apontam para uma confluência sobre os saberes em torno dos conhecimentos ancestrais relativos as ervas medicinais e os conhecimentos presentes no campo da Biologia que corroboravam com as informações trazidas pelas rezadeiras.

- As suas impressões apriorísticas, baseadas em preconceito e no etnocentrismo presente em determinadas religiões a qual fazem parte e como o trabalho os ajudou a desconstruir a visão preconceituosa que detinham sobre as rezadeiras e suas práticas.

Entre os resultados alcançados incluem a criação de um catálogo ilustrado das plantas medicinais de Maracás, que integrará informações tradicionais e científicas, e uma exposição fotográfica que promova a conscientização sobre a importância dos saberes tradicionais. Além do seminário apresentado na disciplina de “História dos meus Ancestrais”, o projeto também foi apresentado na Feira de Ciências, evento que faz parte do calendário letivo do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura. Segue abaixo algumas das plantas medicinais apresentadas pelos(as) estudantes.



Trançagem

1. Benefícios:
2. Serve pra infecção urinária
3. Modo de preparo:
4. Fazer o chá
5. Como tomar:
6. Qualquer hora do dia.

Figura 1 - Fotografia dos estudantes do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura



Catinga de porco

1. Benefícios:
2. Serve pra mal estar no estômago
3. Modo de preparo:
4. Fazer o chá
5. Como tomar:
6. Pode ser tomado normalmente em
7. Qualquer momento do dia

Figura 2 - Fotografia dos estudantes do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura



Maria milagrosa

1. Benefícios:
2. Cicatriza feridas na pele
3. Modo de preparo:
4. Fazer o chá
5. Como usar:
6. Esperar o chá esfriar e passar
7. Nas feridas

Figura 3 - Fotografia dos estudantes do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura



Figura 4 - Fotografia dos estudantes do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura

Samambaia

Na Umbanda, essa planta é usada para inspirar a busca por conhecimento espiritual mais profundo e o crescimento pessoal.

Proteção Espiritual e Conexão com a Natureza:
A samambaia é vista como uma planta protetora que estabelece uma conexão com as energias naturais, e é associada ao orixá Oxóssi e aos Cablocos da mata.



Figura 5 - Fotografia dos estudantes do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura

Espada de Ogum

Na Umbanda e no Candomblé, a espada-de-São-Jorge, também conhecida como espada de Ogum, é considerada uma planta de proteção espiritual.

A espada-de-São-Jorge é associada aos poderes de Ogum, um Orixá que representa a coragem, a guerra, a tecnologia, o trabalho árduo, o ferro, a caça e a agricultura.

A planta é usada como escudo contra energias negativas, e é uma boa opção para ter na porta de entrada da casa.

Conclusão

A partir dos resultados apresentados, pode-se concluir que o projeto foi bem-sucedido em promover uma prática pedagógica decolonial e intercultural, desafiando as hierarquias coloniais de conhecimento e aproximando saberes tradicionais e científicos de

maneira crítica e reflexiva. Os dados coletados pelos estudantes revelaram não apenas informações objetivas sobre as práticas de cura e o uso de ervas medicinais, mas também aspectos culturais, religiosos e subjetivos que compõem o universo das mulheres rezadeiras. Ao identificar uma confluência entre os conhecimentos ancestrais e a ciência moderna, os estudantes foram capazes de reconhecer o valor epistêmico dos saberes tradicionais, superando preconceitos iniciais e etnocêntricos.

O projeto não apenas ampliou a compreensão dos estudantes sobre a diversidade cultural e religiosa no Brasil, como também sensibilizou a comunidade escolar quanto à relevância da preservação dos saberes ancestrais e à promoção da interculturalidade crítica. Ao promover a desconstrução de estereótipos e a integração de diferentes formas de conhecimento, a iniciativa foi pensada para a construção de uma educação mais inclusiva, atenta às múltiplas tradições e epistemologias que coexistem nos quilombos e comunidades rurais de Maracás. Além disso, reforçou a importância de valorizar práticas e vozes historicamente marginalizadas, transformando a instituição escolar em um espaço de aquilombamento, essencial para o enfrentamento do racismo e da estigmatização associada às práticas culturais preservadas pelas rezadeiras de Maracás.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

NASCIMENTO, Maria Beatriz (1985). **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Revista Afrodiáspora. v. 3, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis, RJ: Vozes 1980

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em revista, v. 26, n. 01. P. 15 – 40, 2010.

